

**Disciplina**: Educação em Direitos Humanos

**Professora**: Rosemary Ramos Rodrigues

**Cursos**: Telemática e Engenharia da Computação

**Equipe**: Alexandre Pacheco, Jackson Platiny, Matheus Araujo, Robson Luan, Wesley Oliveira

**TEMA DO PROJETO: QUESTÕES DE GÊNERO**

Thomas era uma criança feliz, que cresceu tendo estranhamentos com seu corpo. Ainda criança, passou a receber olhares tortos de seus educadores e a ser repreendido pelo pai religioso por apresentar trejeitos femininos em sua postura e modo de agir, ele chegava a apanhar sem entender o que tinha feito de errado. Na adolescência, queria praticar nado na aula esportiva da escola, mas o desconforto com seu corpo não o permitia. Passou a sofrer bullying na escola por não se encaixar no “padrão masculino” de ser. Ainda na adolescência, Thomas fez uma amiga, Priscila, que o ajudou em diversos momentos e forneceu a ele o apoio, carinho e amor que lhe foi negado desde cedo. Os anos se passaram, e durante o último ano do colegial, Thomas finalmente teve a resposta do porquê se sentia estranho desde pequeno, “ele” na verdade sempre se viu da mesma forma que Priscila se via, como uma mulher. Com um sentimento de pertencimento enorme por finalmente ter se encontrado, ela compartilhou a informação com Priscila, que a apoiou. Já na faculdade, Thomas se viu num mundo novo, onde finalmente poderia começar a ser ela mesma, e de fato, nenhum aluno implicava com ela como na escola, ela finalmente estava se sentindo em paz consigo, todo dia ia até a casa de Priscila se arrumar para irem juntas a faculdade e tudo corria bem, até que um dia pediu para passar a ser chamada de “Amanda” a uma professora da faculdade, e essa professora por ser religiosa, começou a implicar com ela e continuou a chama-la de Thomas. Passadas algumas semanas ela procurou o diretor da faculdade e contou o ocorrido, por ela ainda ter 17 anos, ele precisou entrar em contato com a família dela para saber como prosseguir. O pai de Amanda ao saber do ocorrido ficou enfurecido e disse que ela nunca mais voltaria para a faculdade, mas infelizmente pelos motivos errados. Quando voltaram para casa, o pai dela a espancou, ameaçou matá-la e a expulsou de casa. Machucada e apavorada, Amanda foi até a casa de Priscila e foi atendida pela mãe dela, que a acolheu assustada e em seguida chamou a filha para ajudar a amiga. Agora sem casa, Amanda se viu precisando de um emprego para conseguir sobreviver, mas ninguém a contratava por ela não se encaixar no “perfil” do cargo. Passou algumas semanas com a família da amiga, mas não podia ficar lá para sempre. Amanda então passou a morar na rua, marginalizada, onde já não tendo mais o que fazer, encontrou na prostituição uma maneira de não morrer de fome. Alguns anos depois, Amanda morreu, marginalizada e com problemas de saúde devido a prostituição.

Amanda foi uma das pessoas que são marginalizadas na sociedade por terem nascido com um corpo que não lhe representa. O Brasil é o país que mais mata pessoas transexuais e travestis do mundo. Embora existam ONGs e projetos de lei que procuram atender e proteger essas pessoas, nenhuma dessas medidas é suficiente para acolher, dar condições dignas de vida e emprego para todas elas. O caso de Amanda, por mais incrível que pareça, é algo extremamente comum no país. A expectativa média de vida de uma pessoa Transexual no Brasil se encontra em 35 anos, e são diversos os problemas que contribuem para esse número tão curto. É necessário fornecer proteção e abrigo a essas pessoas, que muitas vezes são expulsas de casa simplesmente por serem quem são de verdade e acabam na mesma situação que a Amanda se encontrou. Imagine onde Amanda poderia ter chegado se tivesse tido condições de continuar sua faculdade, se as pessoas não tivessem tanto preconceito com o diferente e a tivesse contratado quando precisou, se ela tivesse sido acolhida, e amada do jeitinho que ela era, desde pequenina. A história de Amanda poderia ter sido uma história feliz, e é por isso que é necessário programas sociais que busquem mudar esse cenário na sociedade, assim como também maneiras de quebrar esse preconceito de uma vez por todas, para que as pessoas transexuais e travestis tenham, de fato, direitos iguais a todos. Algumas sugestões para tentar trazer condições iguais e dignas de vida para essas pessoas seria apresentar a realidade dessas pessoas ao público geral, pois só criar programas de auxílio para essas pessoas pode não contribuir para esclarecer à maioria da população que é algo realmente necessário, porque muitas vezes tentativas de auxiliar uma classe acabam sendo vistas como “injustiça” por quem já tem a livre execução de seus direitos básicos por achar que todos também os tem, por não conhecer a realidade do outro. Essa apresentação poderia vir por meio de propagandas na tv, campanhas em redes sociais, poderia também ser abordado em aulas de sociologia nas escolas, para que fossem discutidas pelos jovens a fim de evitar que o preconceito continue se perpetuando entre as gerações. E claro, programas que ofereçam capacitação profissional para pessoas trans e travestis, além de incentivos para que as empresas sejam mais favoráveis a tê-las como colaboradores.